

NEXO AUTISMO-TRANSGENERIDADE: DISPUTAS E TENSÕES

Luana Adriano Araújo¹

Giovanna Marafon²

Louise Lima Storni Rocha³

Camila Jasmin Martins⁴

Resumo

Neste trabalho, buscamos problematizar a produção científica sobre a relação entre neurodivergência e transgeneridade. Partindo do campo político e epistemológico de contestação dos dispositivos de normalização de gênero, identificamos que, embora estudos empíricos indiquem significativa presença da não-conformidade de gênero entre pessoas autistas, muitos ainda reproduzem reducionismos biológicos baseados em registros clínicos. Em contraponto, a perspectiva interseccional busca expor o apagamento das vivências de pessoas autistas trans e em dissidência de gênero e propor novas formas de intervenção. Ainda assim, o debate carece de aprofundamento quanto a dois pontos fundamentais: (1) os mitos generificados que associam o autismo à homens e meninos cisgêneros e (2) a intersecção da identidade de gênero com classe, raça e territorialidade, que afetam diretamente o acesso ao diagnóstico, aos recursos e à visibilidade social. Esta pesquisa realiza uma revisão narrativa exploratória sobre o nexo autismo–transgeneridade, com o objetivo de sistematizar uma análise das tensões e disputas nesse campo.

Palavras-chave: Autismo; Identidade de gênero; Transgeneridade; Neurodiversidade.

Problematização e objetivo

A afirmação do nexo autismo-transgeneridade é evidenciada por um aumento do número de pesquisas internacionais que fazem uma correlação – no geral, quantitativa – entre neurodivergência e dissidências de gênero (MURPHY *et al*, 2020; WATTEL, WALSH, KRABBENDAM, 2024; STRAUSS *et al*, 2021; WARRIER *et al*, 2020; STRANG *et al*, 2023; STRANG *et al*, 2023; STRANG *et al*, 2018; TOLLIT *et al*, 2025; KUNG, 2020; SAPHIRA, GRANEK, 2019; GREEN *et al*, 2025; HISLE-GORMAN *et al*, 2019; VANDERLAAN *et al*, 2015).

¹ Bolsista PAPD do Programa de Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH - UERJ).

² Professora Permanente do PPFH-UERJ.

³ Bolsista Faperj Nota 10 do PPFH-UERJ.

⁴ Bolsista de mestrado do PPFH-UERJ.

Em uma varredura exploratória, destacaram-se três aspectos centrais: a quase inexistência de literatura sobre o tema na América Latina, salvo poucas narrativas de escrita de si e netnografia sobre autistas trans on-line (MENDONÇA, 2022, 2025); a recorrência de ilações sustentadas por uma lógica biologizante; e a ausência de tematização de marcadores sociais como classe, raça e territorialidade.

Soma-se a isso um quarto ponto: a forte presença de Simon Baron-Cohen, criador da “Teoria da Ausência da Mente” (1980) e da “Teoria do Cérebro Macho Extremo” (2009), como coautor de publicações que sustentam a correlação entre autismo e transgeneridade (WARRIER *et al.*, 2020; GREEN *et al.*, 2025; NOBILI *et al.*, 2018, 2020; WEIR *et al.*, 2024). Essa correlação ganha destaque a partir de 2017, com um *survey online* conduzido por Baron-Cohen em associação ao documentário *Are you autistic?*, do Channel 4, culminando na estimativa de que pessoas trans e de gênero diverso das normas binárias de gênero têm de três a seis vezes mais chances de serem autistas do que pares cisgêneros (WARRIER *et al.*, 2020). Observamos, assim, com estranhamento que o mesmo referencial que contribuiu para a associação do autismo com a supremacia masculina seja também aquele que busca postular um nexo autismo–transgeneridade.

Dado este cenário, esta é uma exploração bibliográfica inicial que mapeia pontos sensíveis, a serem observados com atenção, na produção sobre o nexo autismo-transgeneridade.

Enquadramento teórico

Três conceitos orientam esta investigação: neurodiversidade (cf. mapeamento de definições em ADRIANO, 2023), *neuroqueer* (WALKER, 2021) e transfeminismo (NASCIMENTO, 2021). O conceito de neurodiversidade, formulado por Judy Singer em “*Why can’t you be normal for once in your life?*” (1999), surge da crítica ao modelo social de deficiência, que relegava o biológico à categoria de “*impairment*” (lesão). Para Singer (1999; 2016), ao recentrar as semelhanças neurológicas entre autistas, a neurodiversidade inaugura uma política dos “neurologicamente diversos”, posicionando o autismo como diferença que deveria receber o mesmo reconhecimento social atribuído à classe, raça e gênero (cf. ADRIANO; AYDOS, 2024).

Na concepção inicial de neurodiversidade, a despatologização do autismo — com sua retirada dos manuais diagnósticos, em paralelo ao processo vivido pela homossexualidade no século XX (JAARSMA & WELLIN, 2012; ORTEGA, 2009; HUGHES, 2021) — constitui um passo central para romper a correlação entre “autismo” e “vida ruim”. Nesse movimento, a neurodiversidade expressa o que Hacking (1995, p. 359–360) definiu como “rebelião das pessoas sob um tipo humano”, em que os sujeitos classificados por categorias biomédicas reivindicam o poder de definir a si mesmos.

A apropriação do autismo fora de sua configuração biomédica parte do entendimento de que categorias patologizadoras têm historicamente legitimado preconceitos e opressões (WALKER, 2021). Exemplos incluem a classificação da homossexualidade como transtorno mental até os anos 1970, e a “drapetomania”, usada para patologizar pessoas escravizadas que fugiam da escravidão (WALKER, 2021, p. 110). Como resposta, Walker propõe o conceito de “neuroqueer”, entendido como a subversão da patologização por meio do questionamento simultâneo da neuronormatividade e da heteronormatividade (WALKER, 2021), caracterizando uma “não conformidade intencional com as demandas de desempenho normativo” (WALKER, 2021, p. 154).

A subversão da patologização, por meio das lutas pela despatologização das identidades trans, tanto no DSM-V quanto na CID-11, e a crítica às normas de gênero e sexualidade são igualmente centrais no contexto do transfeminismo. Partimos do entendimento de que os discursos ditos biológicos são atravessados por significados políticos, o que exige superar o determinismo e o fundacionalismo biológico de gênero (NASCIMENTO, 2021, p. 65). Assim, gênero deve ser compreendido como processo histórico-cultural, cabendo destituir a cisgeneridade como norma.

Assim como o transfeminismo rejeita a oposição entre sexo biológico e gênero cultural (NASCIMENTO, 2021), a perspectiva da neurodiversidade, redimensionada pela proposta neuroqueer (WALKER, 2021), problematiza a biologização do impedimento e a separação deste da deficiência enquanto construção histórico-social. É, portanto, a partir da aliança de tais referenciais que direcionamos nossa exploração inicial acerca das pesquisas sobre a correlação entre autismo e transgeneridade.

Resultados iniciais: caracterizando o nexos autismo-transgeneridade

Uma exploração inicial mostra uma profusão de estudos que afirmam a co-ocorrência entre identidades autistas e trans (MURPHY *et al*, 2020; WATTEL, WALSH, KRABBENDAM, 2024; STRAUSS *et al*, 2021; KUNG, 2020; WARRIER *et al*, 2020; STRANG *et al*, 2023; STRANG *et al*, 2023; STRANG *et al*, 2018; TOLLIT *et al*, 2025; SAPHIRA, GRANEK, 2019; GREEN *et al*, 2025; HISLE-GORMAN *et al*, 2019; VANDERLAAN *et al*, 2015; WALSH *et al*, 2018). Warrier *et al*, 2020, e.g., descobriram que adultos transgêneros e de gênero não-binário têm uma probabilidade significativamente maior – de três a seis vezes mais – de serem diagnosticados com autismo em comparação com pessoas cisgênero. A estimativa, neste estudo, é de que 3-9% de pessoas trans são autistas. Do mesmo modo, Hisle-Gorman *et al*, 2019, afirmam que adolescentes e crianças autistas são quatro vezes mais propensos a apresentar uma diversidade de gênero em relação à binariedade cisgênera.

Grande parte dos estudos mencionados recorre a explicações biológicas para a correlação entre autismo e transgeneridade. Observaram, por exemplo, que “autismo e traços autísticos elevados são mais frequentemente encontrados em homens trans do que em mulheres trans”, associados tanto à masculinização de mulheres autistas por meio de brincadeiras não convencionais quanto à “disforia de gênero” vinculada ao isolamento (MURPHY *et al.*, 2020, p. 2). Essa perspectiva sustenta-se na hipótese do “Cérebro Macho Extremo” (MURPHY *et al.*, 2020; KUNG, 2020; WARRIER *et al.*, 2020). Outros estudos reforçam a patologização ao propor um “elo genético ou biológico” entre autismo e identidade trans, definindo a sexualidade de forma estritamente cromossômica, genital ou hormonal (HISLE-GORMAN *et al.*, 2019; VANDERLAAN *et al.*, 2015). Ainda que se reconheça a ausência de evidências empíricas diretas (WATTEL; WALSH; KRABBENDAM, 2024), raramente são questionados, nesses estudos, os pressupostos teóricos e epistemológicos que sustentam tais abordagens.

Um eixo social explicativo da correlação é a “hipótese da resistência ao conformismo de gênero”, que associa a resistência autista ao condicionamento social à vivência mais autêntica da expressão de gênero e sexualidade (WALSH *et al.*, 2018; WARRIER *et al.*, 2020). Tal hipótese é frequentemente articulada à teoria da “ausência da mente”, segundo a qual autistas, por não projetarem estados mentais de seus pares, seriam menos suscetíveis ao preconceito e à pressão social (WALSH *et al.*, 2018;

WATTEL; WALSH; KRABBENDAM, 2024). Contudo, essas concepções reforçam a noção patologizante de déficit de empatia e reduzem o preconceito a um fenômeno cognitivo individual, desconsiderando sua dimensão estrutural. Mesmo a hipótese da resistência ao conformismo, de caráter mais contextual, mantém um fundacionalismo biológico, como em Warrier *et al.* (2020), que sugerem mecanismos pré-natais — como hormônios esteróides sexuais — para explicar tanto o autismo quanto comportamentos de papéis de gênero.

A partir desta exploração inicial, se torna possível especular sobre dois efeitos potenciais da literatura sobre o nexo autismo-transgeneridade: (1) Um reforço da patologização e da biologização, com explicações centradas em déficits cognitivos, funcionamentos cerebrais, predisposições genéticas e marcadores hormonais pré-natais; e (2) Uma ausência de perspectivas críticas e sociais, com uma lacuna da tematização estrutural do preconceito, da cisheteronormatividade de gênero e do capacitismo. A leitura inicial evidencia uma dupla lacuna nos estudos sobre o nexo autismo-transgeneridade: a ausência de reflexão sobre a generificação do autismo — marcada por mitos de prevalência masculina centrada na cisgeneridade e movimentos como a Supremacia Aspie e o “Anjo Azul” — e a desconsideração da matriz interseccional das identidades que integra raça, classe e territorialidade. Essas omissões fragilizam estimativas sobre a magnitude do nexo, pois ignoram um aspecto que nos parece fundamental: como desigualdades históricas de acesso moldam o reconhecimento da identidade autista?

Por fim, é preciso cautela não apenas na construção da correlação entre autismo e transgeneridade, mas também em seus usos. A chamada “Terapia Exploratória de Gênero”, difundida no Norte Global, associa o autismo - juntamente com fatores como trauma e abuso - à origem da “disforia de gênero” ou da identificação trans (ASHLEY, 2022). Tal leitura tem efeitos preocupantes, como evidencia o relatório divulgado pela administração Trump em maio de 2025, que questiona a eficácia e a segurança das terapias afirmativas de gênero para crianças e adolescentes, alegando ausência de evidências que as sustentem e riscos significativos em sua aplicação. Nesse documento, é defendida a priorização do tratamento de condições mentais e neurodesenvolvimentais, (como o autismo), sugerindo que a “disforia de gênero” seria uma consequência secundária dessas condições (US, 2025, p. 248, 256). Desprovido de criticidade, o nexo

autismo–transgeneridade pode, assim, acabar reforçando proposições clínicas transfóbicas e capacitistas.

Considerações finais

A partir desta revisão crítica inicial, obtivemos pistas sobre *como* a correlação autismo-transgeneridade é construída e quais seus fundamentos epistemológicos e seus usos clínico-políticos. Portanto, a partir de um referencial que articula neurodiversidade, neuroqueer e transfeminismo, questionamos, em uma perspectiva crítica, não apenas o *porquê*, mas também o *para quê* da existência do nexo autismo-transgeneridade.

REFERÊNCIAS

ADRIANO ARAÚJO, Luana. NEURODIVERSITY AND ELIMINATING AUTISM: A bioethical exploration through social construction lens. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro (Faculdade Nacional de Direito), 2023.

ADRIANO, Luana; AYDOS, Valéria. Autismo, deficiência e neurodiversidade: provocações para pensar um conceito disputado e seus efeitos em pesquisas no/a partir do Sul Global. **Cahiers franco-latino-américains d'études sur le handicap**, n. 2, 2024.

DE MENDONÇA, Sophia Silva *et al.* A interseccionalidade entre autismo e transgeneridade: diálogos afetivos no Twitter. 2022.

GREEN, Kate *et al.* Autistic and transgender/gender diverse people's experiences of health and healthcare. **Molecular Autism**, v. 16, n. 1, p. 4, 2025.

HACKING, Ian. The looping effects of human kinds. In: SPERBER, Dan *et al.* **Causal cognition**: A multidisciplinary debate. Oxford: Clarendon Press, 1995, p. 351-94.

HISLE-GORMAN, Elizabeth *et al.* Gender dysphoria in children with autism spectrum disorder. **LGBT health**, v. 6, n. 3, p. 95-100, 2019.

HUGHES, Jonathan A. Does the heterogeneity of autism undermine the neurodiversity paradigm?. **Bioethics**. 35, p. 47-60, 2021.

JAARSMA, Pier; WELIN, Stellan. Autism as a natural human variation: Reflections on the claims of the neurodiversity movement. **Health care analysis**, v. 20, n. 1, 2012.

KUNG, Karson TF. Autistic traits, systemising, empathising, and theory of mind in transgender and non-binary adults. **Molecular autism**, v. 11, n. 1, p. 73, 2020.

MENDONÇA, Sophia. **Metamorfoses: Autismo e diversidade de gênero**. São Paulo: Dialética, 2025.

MURPHY, Jennifer *et al.* Autism and transgender identity: Implications for depression and anxiety. **Research in Autism Spectrum Disorders**, v. 69, p. 101466, 2020.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NOBILI, Anna *et al.* Autistic traits in treatment-seeking transgender adults. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 48, n. 12, p. 3984-3994, 2018.

NOBILI, Anna *et al.* The stability of autistic traits in transgender adults following cross-sex hormone treatment. **International Journal of Transgender Health**, v. 21, n. 4, p. 431-439, 2020.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 14, p. 67-77, 2009.

SHAPIRA, Shahar; GRANEK, Leeat. Negotiating psychiatric cisgenderism-ableism in the transgender-autism nexus. **Feminism & Psychology**, v. 29, n. 4, p. 494-513, 2019.

SINGER, Judy. **Neurodiversity: the birth of an idea**. [S.l.]: Amazon, 2016.

SINGER, Judy. Why can't you be normal for once in your life? From a problem with no name to the emergence of a new category of difference. CORKER, Mairian; FRENCH, Sally. **Disability discourse**. London: McGraw-Hill Education (UK), 1999.

STRANG, John F. *et al.* Common intersection of autism and gender diversity in youth: Clinical perspectives and practices. **Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America**, v. 32, n. 4, p. 747-760, 2023.

STRANG, John F. *et al.* Initial clinical guidelines for co-occurring autism spectrum disorder and gender dysphoria or incongruence in adolescents. **Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology**, 2018.

STRANG, John F. *et al.* The autism spectrum among transgender youth: default mode functional connectivity. **Cerebral cortex**, v. 33, n. 11, p. 6633-6647, 2023.

STRAUSS, Penelope *et al.* Mental health difficulties among trans and gender diverse young people with an autism spectrum disorder (ASD): Findings from Trans Pathways. **Journal of Psychiatric Research**, v. 137, p. 360-367, 2021.

TOLLIT, Michelle A. *et al.* A comparison of gender diversity in transgender young people with and without autistic traits from the Trans 20 cohort study. **The Lancet Regional Health–Western Pacific**, v. 47, 2024.

US, Department of Health and Human Services. **Treatment for pediatric gender dysphoria: review of evidence and best practices**. Washington, D.C.: Department of Health and Human Services, 2025.

VANDERLAAN, Doug P. *et al.* Autism spectrum disorder risk factors and autistic traits in gender dysphoric children. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 45, n. 6, p. 1742-1750, 2015.

WALKER, Nick. **Neuroqueer heresies**: notes on the neurodiversity paradigm, autistic empowerment, and postnormal possibilities. Fort Worth, TX: Autonomous Press, 2021.

WALSH, Reubs J. *et al.* Brief report: Gender identity differences in autistic adults: Associations with perceptual and socio-cognitive profiles. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 48, n. 12, p. 4070-4078, 2018.

WARRIER, Varun *et al.* Elevated rates of autism, other neurodevelopmental and psychiatric diagnoses, and autistic traits in transgender and gender-diverse individuals. **Nature communications**, v. 11, n. 1, p. 3959, 2020.

WATTEL, Luna L.; WALSH, Reubs J.; KRABBENDAM, Lydia. Theories on the link between autism spectrum conditions and trans gender modality: A systematic review. **Review Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 11, n. 2, p. 275-295, 2024.

WEIR, Elizabeth *et al.* Autistic and transgender/gender diverse people's experiences of health and healthcare.

Eixo temático prioritário: 10, Raça, gênero e corpos com deficiência: interseccionalidade e desafios contemporâneos.

Eixo temático secundário: 8, Deficiência: expressões históricas, Identidades, subjetividades, histórias de vida e narrativas de si